

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais

Prof^{as}: Rosália Duarte, Rita Leal, Ilana Eleá

Discente: Melanie D. Schroot

mschroot@terra.com.br

Resumo 01 - abril/ 2008.¹

RESENHA CRÍTICA

Referência: FANTIN, Monica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006, p.25-100.

No texto acima referido, Mônica Fantin trata dos principais conceitos da mídia-educação e sua historicidade em diversos países. Abordando os impactos causados pelas mídias no processo educativo, cada vez mais fragmentado, Fantin tece um rico diálogo com o leitor utilizando-se de diversos autores do século XX e XXI.

Ela defende que na atual sociedade, impactada pelas mídias e redes de informação existe a necessidade de preparar o educador para que ele seja capaz de promover uma autonomia crítica junto ao sujeito aprendiz para que este esteja apto a refletir, discutir e tomar ações participativas relativas ao papel das mídias como veículo de informação e conteúdo mediático, dentro do espaço escolar e social, construindo assim um saber pensar e se situar no mundo no qual ele esta inserido.

Inicialmente Fantin exemplifica que tanto Gilka Girardello como Mariazinha Fusari já advertiam sobre a necessidade da construção de atitudes críticas em relação à interferência das mídias na educação e na preparação de professores aptos a compreender os novos processos comunicacionais. A partir de preocupações com estas surge um novo campo teórico, o campo da educação-comunicação, que posteriormente foi identificado como mídia-educação, traduzido da língua inglesa e compreendido por alguns autores como “educação para as mídias”. Neste período subentendia-se que o principal aspecto era desenvolver um instrumento que capacitasse o sujeito a praticar uma postura crítica e ao mesmo tempo criadora frente as mídias.

Maria Luiza Belloni identifica duas dimensões dentro da mídia-educação, a *comunicação educacional*, que seria a utilização da mídia como ferramenta pedagógica e a *mídia-educação* em si, que compreende a mídia como objeto de estudo. Concordo com Fantin quando esta se opõe a esta separação conceitual, pois entendo que as duas podem ser inseridas em uma mesma disciplina, como veremos mais adiante. Dentro desta abordagem conceitual Fantin apresenta Ismar Soares, divulgador no Brasil do termo edu-

¹ O texto se configura como parte da primeira atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em **Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1.

comunicação. Ele compreende que não se deve restringi-la a uma disciplina e sim entendê-la como o gerenciamento de processos comunicativos que interagem nas áreas da comunicação interpessoal, tecnologias educacionais educação para os meios e para a área de produção. Baseando-se em teóricos como Jacquinet, Ferguson e Buckingham, Fantini continua defendendo a idéia da concentração temática onde os diversos conceitos como *mídia-educação*, *a educação par as mídias* e *edu-comunicação*, são diferentes mas ao mesmo tempo complementares vertentes de um mesmo entendimento sobre o assunto. Acredito que seja possível utilizar-se de todos estes termos para desenvolver sujeitos construtores de significados e conhecimento. Não faz sentido separar.

Mencionando Rivoltella, que entende as mídias como veículos transmissores de cultura, promotores de interação social e de cidadania, compartilho com Fantini quando ela elucida que a mídia-educação, pode ser entendida como uma prática para aproximar a educação, da cultura e da noção de cidadania, e a identifica como um instrumento para auxiliar a sociedade civil a se posicionar perante o poder político vigente, construindo seu exercício da cidadania. Complementando, Masterman, responsável pelo mapeamento da mídia-educação na Europa até os anos 90, defende um processo contínuo de educação resulta na autonomia crítica do sujeito que por sua vez gera uma forma de redistribuição política e social do poder através da valorização do diálogo.

Fantin, através do recorte de autores europeu, delinea alguns aspectos históricos da mídia-educação na Europa, que segundo ela, podem servir de base para um reflexão e posterior sistematização da mídia-educação no Brasil. O primeiro e talvez mais importante ponto levantado, é o enfoque que as mídias eram vistas com um mal que deveria ser combatido. Esta visão ainda hoje é uma prática simplista utilizada por alguns educadores no Brasil, mal interpretado e defendido com uma forma de resistência cultural à sociedade do espetáculo promovido pelo império norte-americano. Conceituada como “concepção inoculatória”, esta foi substituída nos anos 60 pela “concepção de leitura crítica” onde configuram-se práticas de análise crítica para capacitar aos usuários conhecimentos para desconstrução dos processos e produtos midiáticos. Nos anos 70 e 80, em especial dentro da realidade política sul-americana começa a surgir uma “concepção ideológica”, que tenta utilizar a mídia-educação como um instrumento de luta e que se organiza de certa forma na “concepção das ciências sócias”, uma vez que a mídia-educação estabelece relações com diversas instâncias da sociedade. Barbero e Orozcu compartilham desta idéia, afirmando que os diversos receptores também são mediados por outras instâncias, enfocando em seus estudos o consumo de mídias por diferentes comunidades.

O panorama internacional que Fantin apresenta é interessante como proposta de mapeamento, mas carece, ao me ver, de embasamento histórico cultural que levaram aos países por ela citados e instituírem a mídia-educação em seu currículo educacional, pois a medida que o exercício da cidadania é praticado, existe a viabilidade da inserção da mídia-educação como uma disciplina efetivamente necessária e desejada. Uma coisa está intrinsecamente ligada à outra e não necessariamente é resultado da outra. Acho muito interessante quando Fantin posiciona a mídia-educação como uma prática social, exemplificando as reações factuais que as comunidades globais enfocam como resposta

ativa através de diversas reações temáticas como por exemplo a violência e sexo (Estados Unidos), exclusão social (América Latina), desenvolvimento do senso crítico (Canadá) tutela do menor e promoção do produto nacional (Austrália) e salvaguarda de identidade cultural (Europa).

Fantin sugere que no Brasil, a mídia-educação, depois de passar pelas fases de contestação política e reflexão teórica, ainda não foi devidamente sistematizada, uma vez que esta atividade ainda é considerada uma prática isolada e pouco estudada em contraposição aos teóricos sul-americanos que vem se tornando cada vez mais uma referência internacional no campo da comunicação. Acredito que o “outro olhar” como ela define, na verdade também nos pertence, uma vez que não necessariamente a visão dos autores sul-americanos é para nós brasileiros um olhar similar, pelo contrário, a barreira da língua faz com que o Brasil seja uma ilha dentro de um continente que se comunica de forma midiaticamente muito mais ativa do que podemos identificar do ponto de vista brasileiro. Existe por exemplo um “*melting pot*” no campo da música latino americana no qual o Brasil é um produtor ativo, mas pouco receptivo. Enquanto a troca musical ocorre em via de mão dupla entres os países de língua espanhola, pouquíssimos produtos latino americanos são absorvidos no Brasil. Um exemplo é a *cumbia*, gênero musical popular na Argentina, México e Colômbia que mal se conhece no Brasil, mas se parece em muito com o axé bahiano, por sua vez popular nestes três países de raiz espanhola. Neste sentido acredito que nosso olhar brasileiro frente às teorias de comunicação e mediáticas é também um olhar de um estrangeiro-vizinho.

Gosto da definição que mídia-educação é acima tudo uma prática social. Isto fica claro quando se percebe presença difusa e fragmentada com que a mídia influencia o sujeito e é influenciada pelo sujeito receptor que cada vez este constrói um diálogo por vezes inconsciente, por vezes consciente de reflexão e ativismo. Discordo da proposta de Fantin de discutir seu perfil disciplinar ou criar um estatuto epistemológico, pois me parece que as premissas para tal intenção ainda não foram devidamente traçadas no Brasil e portanto não deveriam ser baseadas em experiências ou fatos históricos-culturais de outras sociedades. Concordo, no entanto, quando Fantin destaca a contribuição dos estudos culturais, que endentem o processo comunicativo como uma negociação de significados no processo de recepção, ou seja sem o outro, não existe a possibilidade da construção do individuo. Como isto é um processo dinâmico, constantemente este sujeito receptor tem sua individualidade em mutação e é interdependente da cultura no qual está inserido.

Neste aspecto, Fantin menciona a contribuição de Paulo Freire que, na década de 60, defendia a intercomunicação, o que sublinha o óbvio: que o papel das novas tecnologias midiáticas estão diretamente relacionadas à comunicação (sempre estiveram) e que a educação já utiliza estes instrumentos direta e indiretamente, pois mesmo quando não praticada como uma disciplina ou inserida no currículo escolar, ela é permeada involuntariamente por elas. Segundo Fantin, ainda hoje Paulo Freire, não é reconhecido na academia por sua contribuição na concepção de mídia-educação, talvez porque a sistematização tenha realmente ficado mais clara a partir das definições de Rivoltella, que utiliza Freire e Freinet como referências para o repensar da didática nos termos da comunicação, mídias e tecnologias na prática didática.

Ainda a partir de Rivoltella, Fantin menciona resumidamente a questão do método, questionando a possibilidade da criação de uma metodologia, uma vez que o que até hoje só existem se tem técnicas e instrumentos. Historicamente a técnica utilizada, durante a fase inoculatória da mídia-educação, era a análise de textos, que ao longo do tempo se desenvolveu e agregou outros conceitos, como a análise crítica (cinema) as pesquisas de base semiótica até chegar aos anos 80 com a inserção das ciências sociais integrando os textos a cultura e suas formas de consumo e mais recentemente, a integração de métodos etnográficos. É curioso que a mídia-educação, ao ser posicionada como uma campo interdisciplinar não tenha construído até o presente momento práticas mais consistentes no que se refere a sua metodologia de aplicação didática. Será que isto ocorre devido as constantes mudanças tecnológicas que criam cada vez mais formas midiáticas de comunicação ou por que a academia nunca valorizou a mídia-educação?

Quais são afinal os objetivos da mídia-educação? Para entender um pouco mais sobre isso, Fantin redimensiona as idéias que Masterman tem em relação aos objetivos gerais da mídia educação e dá enfoque as seguintes prioridades: defender o acesso livre a informação e independências dos produtores; estreitar as relações entre os educadores e profissionais midiáticos; criar e manter de redes de comunicação entre ao diversos atores da mídia-educação; incluir a mídia-educação no currículo escolar e atualizar constantemente o conceito-prática da mídia-educação. Para que isto se configure em uma prática efetiva, acredito que um caminho que deve ser trilhado, seria a criação de um órgão mundial capaz de coordenar estas objetivos um parceria com sub-coordenadorias regionais que pudessem fazer a adaptação para as diferentes etnias e culturas locais.

Dos três contextos (metodológicos, crítico e produtivo) em que a manifestação da mídia-educação se dá, Fantin cita um apontamento feito por Rivoltella que considero muito importante, que dentro do contexto produtivo insere-se a pedagogia funcional. O saber fazer para poder analisar. Neste sentido a mídia-educação ocorre em todas as dimensões (com, sobre, para e através) pode se tornar um instrumento de aprendizagem e formador de cultura dentro das escolas, como Morcellini diz quando fala da força da mídia-educação na transformação cultural da sociedade moderna.

Finalizando este primeiro capítulo, Fantin aborda alguns enfoques conceituais quanto ao perfil e competências necessárias de um mídia-educador e afirma que a aceitação da mídia-educação depende da amplitude de sua relação com diversos campos do saber mas principalmente na abertura que se dará ao repensar do processo de aprendizagem. Acredito que o impacto das novas tecnologias de comunicação, sobre os sujeitos tem sido tão forte, que o processo cognitivo sofre mudanças constantes de padrão o tempo inteiro. Por isso acredito ser muito difícil definir o perfil deste profissional como algo estanque, compartilho com a expressão de *expert* que Rivoltella utiliza, pois as competências necessárias não necessariamente vêm só da formação academia, mas da inserção deste profissional em diversos espaços mediáticos e pela sua habilidade técnicas relacionadas com a novas tecnologias.

Acho que Fantin encerra de forma criativa as diversas dimensões da mídia-educação, quando ela a compara a um caleidoscópio – sempre em mutação, o que dá a este estudo todo uma aura investigativa, desafiadora e absolutamente líquida.